

ENTREVISTA:

MARIA CÂNDIDA BORDENAVE

Maria Cândida Bordenave é uma real pioneira dos estudos da tradução no Brasil. Além de ter fundado e coordenado o Curso de Tradutor e Intérprete da PUC-Rio, organizou o I e II Encontro Nacional de Tradutores. Maria Cândida tem sido uma presença constante nos diversos simpósios e congressos de tradução que vêm se realizando, com ritmo crescente, tanto no Brasil como no exterior. Sua pesquisa tem como foco a metodologia de ensino da tradução, em seus aspectos cognitivos e resultou em várias comunicações apresentadas em distintos eventos e em artigos publicados em periódicos e livros. Cabe acrescentar que Maria Cândida é tradutora juramentada e também consultora para cursos universitários de tradução. Toda essa incessante atividade lhe valeu uma homenagem especial no Painel de Abertura do VII Encontro Nacional de Tradutores, realizado em São Paulo em setembro de 1998. Last, but not least, Maria Cândida é - orgulhosamente - mãe de seis filhos.

Cadernos de Tradução: Sendo uma das pioneiras no estudos de tradução no Brasil, como você vê a evolução do ensino e pesquisa de tradução no Brasil?

Maria Candida Bordenave: Tem sido uma evolução excepcional. Desde os primeiros anos da década de 70 grandes transformações foram constatadas na área da tradução: a grande novidade foi a cria-

ção de cursos universitários de formação de tradutores em todo o país provocando um renovado interesse pela área, seus fundamentos, seu ensino e, necessariamente, pela sua pesquisa.

CT: Você considera que a associação de papéis de professor e tradutor é importante para o ensino?

Maria Candida Bordenave: Considero imprescindível. Sendo a Tradução um fazer, isto é, uma disciplina eminentemente prática, o professor necessariamente deve ter essa experiência. É através dessa experiência, sempre renovada, que ele vê o objeto tradução e percebe a sua metodologia de ensino.

CT: A tradução pode ser ensinada? Em caso positivo, como definiria as qualidades do tradutor a serem desenvolvidas num curso oficial?

Maria Candida Bordenave: Em comunicação anterior (Bordenave 89), afirmei que tradução não se ensina, mas é possível aprendê-la. Tal afirmação radical e, aparentemente, contraditória de quem se dedica a investigar a metodologia de ensino da tradução, tinha o objetivo de destacar que a tradução não pode ser ensinada no sentido com que tradicionalmente se concebe o “ensino”, como transmissão de conhecimento, com conteúdo, dados, fatos, regras a serem passados do mestre para o aprendiz. Embora este aspecto não deixe de fazer parte da pedagogia tradutória, ela não constitui o seu núcleo principal que consiste primordialmente de uma prática psico-linguística individual.

Quanto à segunda parte da pergunta, diria que as linhas a serem desenvolvidas no estudante são, obviamente, linguagem/cultura das duas faces da atividade, conhecimentos gerais e específicos e, acima de tudo, o hábito de busca e reflexão que constituem as ferramentas para o seu trabalho.

CT: *Há quanto tempo você trabalha com o ensino de tradução? Qual foi o maior desafio no trabalho institucional? E qual foi a experiência mais gratificante?*

Maria Candida Bordenave: 4.1. Faz séculos ... Desde 1973 aproximadamente. Antes havia organizado o curso de formação de intérpretes da PUC-RIO. Depois encontrei o meu ninho real.

4.2. Implantar um programa que satisfizesse as exigências da tradução e ao mesmo tempo se inserisse e se enquadrasse na estrutura do Departamento de Letras da PUC, já estabelecido há décadas.

4.3. Ver as minhas alunas alçarem vôo, entrarem no mercado de trabalho, fundarem firmas de tradução .

CT: *Alguns autores, por exemplo Giles 95, sugerem que o aspecto didático da tradução seja considerado “treinamento” em oposição a ensino, em função do desenvolvimento de habilidades práticas para o futuro profissional. Como você se posiciona quanto a esta distinção?*

Permito-me discordar frontalmente desta colocação, embora não tenha lido Giles 95. Em língua portuguesa, treinamento é um conjunto de técnicas repetidas com o objetivo de automatizar determinada atividade. Treinam-se futebolistas, atletas em geral, policiais, soldados etc. Traduzir é uma atividade essencialmente reflexiva. É uma operação complexa onde é infinito o número de informações, associações, dados da memória, etc com que se trabalha para se chegar a uma solução satisfatória. Neste sentido cito Peter Newmark (1982) “Any person can learn a language if he/she is determined to do so, but it takes an intelligent person to become a translator and the quality of his/her work will be measured by the degree of his/her intelligence.” (citado de memória).

CT: *Quais são os desafios dessa disciplina (o que resta a fazer)?*

Maria Candida Bordenave: Mais pesquisa sobre a didática da tradução que deve surgir de uma reflexão sobre a prática feita conjuntamente com o aprendiz. Não é possível elaborar regras, mas descobrir princípios que nos orientem.

CT: *O reconhecimento da disciplina (academia).*

Maria Candida Bordenave: Acho que esse reconhecimento inegavelmente tem se expandido nestas últimas décadas. Sendo uma área de confluência de conhecimentos, as demais áreas vêm reconhecendo a relevância dos estudos tradutórios como fonte de revelação para as ciências da linguagem e demais ciências humanas e sociais.

CT: *Qual foi a sua primeira tradução? Quais os problemas encontrados?*

Maria Candida Bordenave: Faz tanto tempo... Lembro-me que a considerei uma ventura, sensação que continuo tendo em cada tradução a ser feita.

CT: *Qual a tradução que mais apresentou problemas?*

Maria Candida Bordenave: O maior problema para mim é o prazo para a entrega do trabalho. Sem esse elemento tensionante da nossa vida moderna a pesquisa, a procura, a construção são sempre prazerosas.

CT: *Qual é a tradução que mais gosta e recomenda para os alunos de tradução?*

Maria Candida Bordenave: Professor gosta de qualquer coisa que o ajude na tarefa proposta. Para alunos iniciantes, os textos de ficção de consumo são uma ótima iniciação. Ter prazer no texto, com dificuldades que possam ser vencidas, é, para mim, a chave do processo didático unindo o esforço ao prazer.

CT: *Como você traduz? (versão ou tradução). É possível ensinar a traduzir nas duas direções? Como você faz isso?*

Maria Candida Bordenave: Na minha experiência de programa de tradução da graduação, nem sonhamos em formar tradutores para o exercício de versão, com honrosas exceções. A disciplina Versão que oferecemos em nosso currículo tem o objetivo de conscientizar ainda mais o estudante a respeito dos contrastes linguísticos e culturais dos dois idiomas/culturas.

Pessoalmente faço versões no campo da Tradução Juramentada que é relativamente formulaica e, ocasionalmente, alguma tradução técnica. quando as lides acadêmicas me permitem.

CT: *Na evolução institucional da tradução no cenário brasileiro, qual é o papel do sindicato dos tradutores?*

Maria Candida Bordenave: O lugar do tradutor no cenário cultural e profissional brasileiro deve ser o resultado de uma confluência de idéias, forças, instituições e, claro, o mercado. O sindicato tem seu papel importantíssimo mas seria exigir demais que ele resolva a problemática da tradução no Brasil que lentamente, agora, começa a se desnudar.

CT: Quem mais contribuiu para o estabelecimento do profissional de tradução no Brasil?

Maria Candida Bordenave: Como disse acima, para atingirmos a maturidade do nosso tempo, uma conjunção de fatores exerceram influência em nossa caminhada: a criação da ABRATES, antecessora do SINTRA, a criação de escolas de tradução em todo o país, e, enfaticamente, a realização dos Encontros de Tradutores que, a partir de 1975 se deslocaram pelos estados brasileiros oferecendo um espaço válido de debate para que os tradutores se unissem e procurassem seu lugar justo e merecido no âmbito da cultura brasileira.

CT: O reconhecimento da profissão (mercado de trabalho) no Brasil nos últimos anos.

Maria Candida Bordenave: De certa forma isso tem seguido paralelamente ao reconhecimento por parte da academia e dos círculos intelectuais da importância e complexidade da atividade tradutória. O reconhecimento no mercado tem melhorado lentissimamente como, aliás, é sempre o caso do confronto capital/trabalho. Alguns tradutores excelentes, algumas editoras criteriosas têm acompanhado esse progresso. Mas isto, de forma alguma, se aplica à maioria dos profissionais ou dos usuários da tradução.

CT: Como está o mercado de trabalho hoje? Qual é o tipo de profissional mais requisitado? (tradutor técnico, literário, administrativo)

Maria Candida Bordenave: Descontando os altos e baixos e a desigualdade dos clientes, o mercado está razoavelmente favorável se o comparamos ao de duas décadas passadas. Nossas alunas não têm tido grandes dificuldades para ingressarem no mercado. Não tenho dados confiáveis a respeito da 2ª. pergunta.

CT: *Quais são os campos prioritários de pesquisa na área de tradução?*

Maria Candida Bordenave: O horizonte da pesquisa em tradução é vasto e promissor. A partir da década de 70 vemos surgir nomes como L. Venuti, G. Toury, H. Vermeer, T. Hermans e outros, que deram valiosas contribuições para a iluminação e o enriquecimento da área. Ênfase novamente a necessidade de pesquisas na área da metodologia de “ensino”, especialmente com abordagens cognitivas.

CT: *A tradução não se constituindo uma área de pesquisa específica, segundo a política dos órgãos de fomento (CAPES e CNPq), não estaria relacionado ao fato que tradicionalmente os projetos de tradução são ligados ou à lingüística ou à literatura comparada em função do caráter interdisciplinar da tradução, ele não cabe nas duas?*

Maria Candida Bordenave: A tradução como área específica junto aos órgãos de fomento (eles ainda existem?) é uma reivindicação antiga e dolorosa para os militantes da área. Reduzi-la à lingüística ou à literatura comparada é uma postura reducionista. Há muito mais no reino da tradução do que podem sonhar os responsáveis pelo apoio à nossa pesquisa. Não sei se respondi a pergunta.